

QUANDO A AMIZADE CONHECE O AMOR: CONSIDERAÇÕES SOBRE O FILME HARRY E SALLY, FEITOS UM PARA O OUTRO.

Karine Marques



“ O Ideal do amor é a amizade em excesso”

(Aristóteles)

Introdução.

Este trabalho objetiva tecer algumas considerações sobre os temas: Amor e Amizade ilustrado por meio de uma obra cinematográfica, Harry e Sally – Feitos um para o Outro, do original When Harry Met Sally, classificado como um filme do tipo comédia romântica “Happy End” – Estadunidense, que está pautada no comportamento dos indivíduos, quanto relacionamentos interpessoais e amorosos, presentes no cotidiano

O filme escolhido remonta alguns tipos de relacionamentos amorosos e de amizade, de cunho sentimental, existentes na contemporânea sociedade Ocidental, onde os principais temas citados são abordados de forma ainda mais visíveis através dos diálogos e das atitudes interpretadas ao longo da trama, que foram produzidas de forma fictícia, artística, satírica e irreverente.

No entanto, mesmo a obra não sendo verídica, não deixa de relatar histórias que poderiam acontecer na vida real.

A análise pretendida interliga o filme às obras filosóficas, comparando-as à certas algumas ideias inseridas num universo de caráter ético e sociológico. Entretanto, apesar dos personagens se apresentarem estereotipados, o filme deixa transparecer as características de determinados tipos de indivíduos existentes nas citações filosóficas abordadas.

O título escolhido: Quando A Amizade Encontra o Amor, faz alusão à obra de Aristóteles – Ética a Nicômacos, onde o pensador discute sobre a relação dos temas: amor e amizade, em Ética a Nicômacos. Assim como tem a ver com a história do filme, no que diz respeito ao amor que pode ser encontrado através dos relacionamentos de amizade.

Quanto à bibliografia utilizada, veremos também algumas análises baseadas nas obras de Zygmund Bauman – Amor Líquido, Montaigne – Ensaio: Da Amizade, as quais são algumas das obras filosóficas mais citadas para analisar os temas de amor e de amizade, que expressam as principais características dos relacionamentos de envolvimento afetivo, encontrados na nossa sociedade atual.

I – A Filosofia do Amor e da Amizade

Desde a antiguidade, o amor e a amizade são analisados sob a perspectiva dos relacionamentos amorosos. Aristóteles, afirma que “o ideal do amor é ser como que um excesso de amizade”. Quanto à amizade existente no amor diz que ela depende da emoção e intenta o prazer, visto que “é certo que tais pessoas desejam passar juntas os seus dias e suas vidas inteiras, pois só assim alcançam o propósito da sua amizade” (ARISTÓTELES: 1991, p.174).

Segundo Aristóteles, dentro dessa perspectiva, afirma que os afetos, por serem dotados de intenção e capacidade discriminatória, posto que sempre se escolhe com quem se vai relacionar, quem será eleito como amigo sendo portanto, a amizade é uma questão de escolha. o amigo que ama mais é o que faz o bem a seu amigo, por isso é laborioso, sendo a atitude de amar atividade e ser amado, passividade. “O homem deve amar o melhor amigo acima de tudo, mas compreender que ele próprio é o seu melhor amigo.”(ARISTÓTELES: 1991, p.208)

Sobre a quantidade de amigos que um indivíduo deve ter, Aristóteles explica que não se deve buscar a quantidade, mas tantos quantos forem suficientes para o convívio, porque ser grande amigo de muitos é impossível.

“(…) o número apropriado não é provavelmente uma quantidade fixa, mas qualquer que se situe entre dois pontos fixos. De modo que para os amigos também existe um número fixo — talvez o maior número com que se pode conviver (pois essa, segundo verificamos¹³⁵, é considerada como a própria característica da amizade); e é evidente que não se pode conviver com muitas pessoas e dividir-se entre elas. Acresce que essas pessoas também devem ser amigas umas das outras, se têm de passar a vida juntas; e dificilmente tal condição será preenchida com um número elevado de indivíduos. E tampouco é fácil compartilhar as alegrias e os pesares íntimos de muita gente, pois isso importaria em sentir-se feliz com um amigo e em contristar-se com outro, simultaneamente. Parece, pois, que convém não procurar ter o maior número possível de amigos, mas apenas tantos quantos forem suficientes para os fins do convívio, pois ser um grande amigo de muitas pessoas é coisa que se afigura impossível. Por essa mesma razão, não podemos amar várias pessoas ao mesmo tempo. (...) (ARISTÓTELES: 1991, p. 215)

Segundo Aristóteles, a presença dos amigos é indispensável em todas as circunstâncias – na adversidade ou na prosperidade, pois só de ver os amigos é agradável, mas não suportamos vê-los sofrer ou principalmente causar dor a eles. Conclui que, para os amigos, nada é mais desejável do que o convívio, porque os amigos “fazem e compartilham aquelas coisas que lhes dão o sentimento de viverem juntos” (ARISTÓTELES: 1991, p. 218).

Assim, o amigo que ama mais é o que faz o bem a seu amigo, por isso é laborioso, sendo a atitude de amar atividade e ser amado, passividade.

A amizade e o amor são causas de si mesmos, assim como muitos sentimentos que não podemos de fato entender ou exprimir, tendo visto que Platão, em sua obra Fedro – dirá no discurso feito pelo personagem Lísias o seguinte: “- Aqueles a quem o amor não perturba, já antes haviam iniciado uma mútua amizade; não é provável, pois, que nesses a amizade diminua ou desapareça logo que o desejo se satisfaz. Ao contrário, na mútua amizade encontrarão outros motivos e garantias para novos favores.” (PLATÃO)

Quando Edgar Morin (1997) afirma que o amor é o tema de obsessão da cultura de massas e central da felicidade moderna, movimento iniciado em meados da década de 1930, com o intitulado “Final Feliz ou *Happy End*”, o amor torna-se triunfal, pois nesse contexto, transpõe a barreira sexual para realizar-se na união dos corpos, supera os obstáculos da vida para realizar-se no casal, estabelecido ao casamento, para não se “chocar” tanto com ele.

O Amor na cultura de massas é o fundamento necessário e evidente na vida pessoal, integrador e sintético. Com isso, o amor sintético se contrapõe à tradição do amor Ocidental, baseada no conflito triangular entre marido e mulher, que reforça, a partir do século XIII, a posição entre amor sexual e da

alma, surgindo com isso o amor sintético, espiritual e carnal, juntamente com seu protagonista, amante sintético, o possuidor de prestígios eróticos e sedutores, além da pureza da alma do herói e da virgem (MORIN: 1997).

Com isso, observa-se, que através do tema do amor, até mesmo no cinema, especialmente os de comédia romântica, a ideia da necessidade absoluta da aventura amorosa se impõe, mesmo embora, como revela Morin, a cultura de massas ao mesmo tempo em que prioriza o amor sintético e o incentiva, condena o amor louco, como por exemplo, os crimes passionais.

Segundo Zygmunt Bauman, em Amor Líquido, discorre sobre às fragilidades dos laços humanos, efeitos da modernidade líquida, sobre os relacionamentos humanos, dizendo que o processo de individualização da sociedade moderna fragilizou os vínculos humanos. A modernidade líquida não se estabelece, é volátil, não se importa com a duração dos relacionamentos, ou seja, pouco importa se será longo ou se será afetivo, ou de pouca duração, apenas quer que seja infinito enquanto dure. (BAUMAN: 2004)

Mesmo embora, o ideal burguês prevaleça, o de um relacionamento monogâmico e inatingível, família e amor eterno, fazendo parte da modernidade sólida, existe agora a influência desta modernidade que se faz líquida, demonstrada por três aspectos: 1- a fragilidade dos vínculos humanos, 2- O Sentimento da insegurança, que esta fragilidade inspira, 3- Desejos conflitantes, estimulados por tal sentimento, de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos.

Todas essas características revelam o que está acontecendo no mundo atual, com relação aos vínculos afetivos relacionados ao amor, e os relacionamentos que se tornam líquidos e de pouca duração, que segundo Bauman, também serão chamados de relações de bolso, ou seja, baseados apenas no desejo de consumir, como um bem adquirido numa compra como quando se vai ao shopping center. As pessoas não compram para satisfazer seu desejo, mas o fazem por impulso, o que implica, necessariamente em insegurança, provocando relacionamentos de curta duração.

Bauman então dirá que muitos casais irão romper a sufocante bolha do casal, com revolucionários relacionamentos de casais “semi-separados”, onde cada um segue seus próprios caminhos, em tempo parcial.

Até o século XVII, não havia casamento por amor, sendo a amizade uma das ferramentas utilizadas para a legitimação moral do amor na tentativa de converter o sentimento amoroso em amizade íntima, mas com a revalorização da sexualidade. Com o passar do tempo, a história individual submete-se às transformações próprias de cada contexto, abrigando também as esferas familiares e conjugais. De fato, são os relacionamentos dos seres humanos, o que fazem girar o mundo em torno de seus próprios umbigos; contudo, o amor e a amizade estarão sempre interligados pelos laços de afeto construídos pela

convivência, ajudando no desenvolvimento do caráter, da maturidade intelectual e psíquica qualquer indivíduo.

II. HARRY & SALLY – FEITOS UM PARA O OUTRO - (When Harry Meet Sally)

Diálogos tão atuais quanto às histórias de amor dos nossos tempos, de relacionamentos tão líquidos.

“Parte de ser maduro é não expressar o que sente no momento em que sente.” (Sally)

Sally- interpretada pela atriz Meg Ryan no filme, é uma romântica, idealista, metódica e extremamente rígida em relação à sua própria vida. Harry interpretado pelo ator - Billy Crystal é um tipo lascivo, meio cínico e cético em relação ao ser humano, e que não liga muito para as coisas. Sua maneira de pensar é radicalmente contrária à de Sally. O primeiro encontro entre eles acontece assim que acabam de se formar, ele é o namorado da amiga de Sally, a qual lhe pediu para dar carona ao rapaz até Nova York.

Assim que Harry e Sally iniciam uma viagem de 18 horas de Chicago a Nova York, a antipatia de um pelo outro fica bem visível, ilustrando o que diz um dos aforismos de Nietzsche – “As mulheres podem tornar-se facilmente amigas de um homem; mas, para manter essa amizade, torna-se indispensável o concurso de uma pequena antipatia física”, o que aparentemente vai se revelar através de um dos diálogos áspers entre os dois, em que discutem sobre a possibilidade de haver ou não amizade entre um homem e uma mulher sem que o sexo esteja envolvido. Harry nega que haja amizade sem segundas intenções entre os sexos opostos, deixando Sally estarecida, elucidando o que disse Michel Montaigne, a respeito do que comumente chamamos de amizade, que não passa de relação motivada, ou por interesses públicos ou por interesses privados, sejam eles familiares, sociais ou de qualquer outro teor, mas sempre visam algo pessoal.

“A natureza parece muito particularmente interessada em implantar em nós a necessidade das relações de amizade e Aristóteles afirma que os bons legisladores se preocupam mais com essas relações do que com a justiça. É verdade que amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade. Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nossos prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em

vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins” (MONTAIGNE: 1984)

Num dos pontos de parada da viagem, Harry passa uma cantada em Sally, e a indignação dela vai aos extremos. Concluem então, que jamais serão amigos, e ao chegarem a Nova York, cada um toma um destino diferente, sem cogitar a possibilidade de um novo contato.

Passados cinco anos, os dois voltam a se encontrar no saguão de um aeroporto. Sally está com o namorado Joe, que foi leva-la ao aeroporto, e conversam sobre coisas do passado, da faculdade de Sally, da melhor amiga (a namorada de Harry), de relacionamentos, e terminam falando sobre amizade entre homens e mulheres. Sally pergunta a Joe se ele acredita em relacionamentos de amizade entre homens e mulheres sem interesse, lembrando a análise de Montaigne sobre os relacionamentos de interesse.

Ele afirma que sim, mas quando ela lhe pergunta se tem alguma amiga mulher, ele responde com um certo receio que não, mas afirma que se fosse importante para ela, ele arranjará uma, deixando uma sensação de insegurança no ar, que Joe percebe e quebra dizendo um “Eu te amo” para Sally, no mesmo tom em que ela lhe sorri de volta e responde o mesmo, parecendo dizer um obrigada por simplesmente ter dito isso, ou por me ter feito um favor qualquer. Isso tudo nos lembra a narrativa do livro de Zygmunt Bauman – Amor Líquido, sob a perspectiva dos relacionamentos modernos, das inseguranças geradas pelas instabilidades dos sentimentos tão superficiais sentidos pelos casais contemporâneos, conforme comentado anteriormente.

Joe, por sinal, é conhecido de Harry, que aparece no aeroporto, o vê de longe e tenta se aproximar, puxando-o para uma conversa, ao mesmo tempo em que tenta ignorar a presença de Sally, como se não a conhecesse. Ela tenta disfarçar também, mas fica sem graça ao perceber a atitude de Harry. Coincidentemente os dois viajam juntos no mesmo avião e, através de uma manobra de Harry, ficam em poltronas juntas.

Ele conta que irá se casar, deixando-a sentir um misto de raiva, inveja e ciúmes, ao ponto de insinuar que muito provavelmente irá se casar também com Joe, num tom meio que de provocação, o que ilustra mais uma vez que não é porque se tem algum vínculo afetivo com alguém que se descarta a possibilidade de um dia vir a ter algo com outro alguém, caso o atual não venha a resistir... Tal artimanha nos remete a ideia de um certo tipo de jogador que tenta esconder uma carta reserva no bolso. Um “relacionamento de bolso”, como é descrito no livro de Bauman.

Mas de repente, o mesmo assunto de quando se conheceram volta à tona, e mais uma vez se despedem com grande frieza, seguindo novamente cada um para o seu caminho.

A trama segue, e cinco anos depois, um novo encontro acontece entre Sally e Harry, numa livraria, onde Sally está com uma amiga, que repara um rapaz do outro lado do estabelecimento olhando para ela. Sally diz à amiga que o conhece, mas talvez ele nem a reconheça, por fazer um certo tempo. Porém, Harry se aproxima e a chama pelo nome, o que a surpreende.

Saem dali e vão conversar, ele conta o que aconteceu ao longo desses 5 anos: realmente, conforme anunciado, havia se casado e fora abandonado recentemente pela esposa que o trocou por outro. Os dois marcam um jantar e, a partir daí, tornam-se amigos, trocando confidências íntimas. Com o tempo, tornam-se amigos inseparáveis.

O mais curioso é que nem um nem o outro, enquanto realmente viveram nesse período de amizade, pensavam na possibilidade de haver algo além: segundas intenções, apenas se relacionavam amistosamente. Certamente por estarem num período de maior amadurecimento pelo tempo que se passou desde a época da faculdade, e terem vivido suas próprias vidas em relação a cada um ter agora mais experiência afetiva, conforme sugerido no filme, faz-nos criar uma analogia com a filosofia estóica.

O pensamento dos antigos estóicos, pensadores gregos que viveram antes de Sócrates (intitulados os pré-socráticos), os quais são citados por Montaigne ao tentar definir o conceito de amizade. Eles defendiam a idéia de que o amor é como a tentativa de formação de amizade inspirada pela beleza, o que faz com que Montaigne reafirme esse pensamento em seu ensaio sobre a amizade, ao citar a frase de Cícero: “A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito”, ou seja, quanto mais tempo tem uma amizade, mais ela será madura e duradoura. Com os anos, ela se tornará ainda mais forte e difícil de se quebrar, assim como foi a do próprio Montaigne por La Boétie.

Mesmo embora Harry e Sally permanecessem amigos, o velho assunto “homem e mulher” vem sempre à tona. No decorrer do filme, aparentemente é deixado escapar, por algumas atitudes e gestos de Harry, um obsequioso e sublimado interesse afetivo por Sally, que tenta dizer não “ainda”, por não estar tão interessada por ele da mesma forma, deixando o espectador perplexo. E aqui, encontramos mais uma deixa para o pensamento de Bauman: o direcionamento do roteiro do filme, no que diz respeito aos relacionamentos sem durabilidade ou vínculos, devido à insegurança gerados porquanto das instabilidades emocionais - do medo de se machucar, faz com que Sally se esquive de Harry algumas vezes e não nos permite enxergar o rumo definitivo desta relação na história do filme.

Em um dado momento, quando eles se encontram num restaurante, acontece um fato que é um marco - quando Harry diz que uma mulher jamais o enganaria fingindo um orgasmo, acontece a cena mais engraçada do filme. Sally começa a fingir ter um orgasmo na frente de todos os presentes que,

boquiabertos, acompanham a cena. Ela quer mostrar ao amigo que não é difícil enganar um homem na cama. No final, uma senhora se dirige até o balcão e pede ao balconista que lhe dê o mesmo que Sally pediu (hilário)!

Essas peculiaridades vão amarrando a trama do filme, de maneira em que cada vez que se apresenta um fato novo no relacionamento deles, vai sendo apresentado, à parte, por meio de cortes, vários casais de velhinhos diferentes, contando a história de vida de cada um e de como se conheceram, de maneira bem simples e sucinta, cada um à sua maneira, despertando no espectador a impressão de que parte do filme, é quase um documentário.

Tais narrativas se sucedem de maneira a demonstrar o que Morin explicita ao falar das culturas de massas, quando afirma que a principal manifestação desse tipo de cultura é a contemplação, que decorre de uma ênfase da cultura de massa no lazer, relacionada a um tipo de organização do trabalho, demonstrando o lazer como uma atividade reparadora. Sendo assim, o espetáculo é a manifestação de conteúdos estéticos, que determinam uma forma de relação entre a ficção e a vida real, posto que algumas manifestações artísticas expõem algumas práticas comuns da sociedade (como por exemplo os relacionamentos afetivos) nas suas exposições, como por exemplo, histórias de filmes contando relatos baseados em fatos reais ou obras do tipo documentários. O que faz com que o espectador, ao assistir um filme no cinema, crie a ilusão de estar participando do filme, já que entra em um universo imaginário, criado por si mesmo, ao comparar a história do filme com a sua própria vida. (MORIN: 1977)

A amizade entre os dois prospera mais e mais. Cada um quer ajudar o outro a superar o antigo relacionamento. Neste momento, relembramos as idéias aristotélicas, onde ele se refere ao querer fazer bem a um amigo:

(...) Com efeito, os que são amigos com base na virtude anseiam por fazer bem um ao outro (pois que isso é uma marca de virtude e de amizade), e entre homens que emulam entre si nessas coisas não pode haver queixas nem disputas (...) (ARISTÓTELES: 1991)

É o que se ilustra quando Sally incentiva Harry a voltar a namorar e vice-versa. Os dois, simultaneamente, tentam arranjar um namorado para o outro. Harry apresenta Sally a Jess e ela lhe apresenta a sua amiga Marie. Só que, no meio do encontro, onde todos saem juntos para se conhecer e conversar, Jess apaixonou-se por Marie e vão embora sem se despedirem de Harry e Sally, deixando-os atônitos.

Quando os inseparáveis amigos estão procurando um presente de casamento para Marie e Jess, a ex-esposa de Harry aparece com o seu novo marido. Ele sente-se terrivelmente abalado. O mesmo acontece com Sally, quando descobre que o seu ex, Joe (o do aeroporto), também vai se casar. Ela pede a Harry que lhe faça companhia em casa. E, ao confortá-la, os dois acabam juntos.

Harry demonstra estar confuso e não sabe como agir, talvez agora a amizade entre os dois possa acabar, pois segundo o pensador francês:

“quando o amor reveste as formas da amizade, o que ocorre quando se estabelece uma concordância das vontades, ele se esvai ou define. O gozo apaga-o, porque seu objetivo é carnal, e a saciedade o extingue. A amizade, ao contrário, cresce com o desejo que dela temos; eleva-se, desenvolve-se e se amplia na frequência, porque é essência espiritual e a sua prática apura a alma”, (MONTAIGNE: 1984)

Em outros termos: ou se mantem o relacionamento de amizade, por ser este sentimento mais forte, ou se tenta um relacionamento amoroso, que baseado na amizade e consideração, que sentem mutuamente um pelo outro, pode dar certo. O risco é o de terem confundido os sentimentos e de aniquilarem assim tudo o que construíram na relação de amizade durante anos.

Por isso é que Montaigne cita as palavras de Ariosto, quando diz que o amor é antes de mais nada um desejo violento do que nos escapa: “como o caçador perseguindo a lebre, no frio e no calor, por montanhas e vales; desenha-a ao alcança-la e só a deseja enquanto à persegue na fuga”, (MONTAIGNE: 1984), pois sabendo que Harry já apresentava sinais de sentimentos mais profundos por ela, deixou o rastro de dúvida no ar, sem contar que neste instante, ao mesmo tempo, Harry perdeu o brilho do encanto que sentia afetivamente por Sally, porque ganhou o seu prêmio, não dando lugar ao amor de amante que poderia suscitar a partir daí, ou seja, a amizade estaria de fato por acabar.

Aristóteles, ao citar Heráclito, para explicar sobre os diferentes que se completam, dizendo: “Os contrários andam juntos”, “ A mais bela harmonia é feita de tons diferentes” e “Tudo nasce do antagonismo”, (ARISTÓTELES, 1991), quer dizer das diferentes formas de se amar, ao conhecer o objeto do amor, e das diferentes formas de amizade, ao querer o bem a um amigo. Ele define como sendo a possibilidade de antagonismo o que podemos amar, quando imaginando ser algo bom, este objeto de amor, o que é bom para algumas pessoas, não será igualmente para todas as outras, posto que ninguém pensa igual a todo mundo, portanto, sendo diferente a forma de se olhar para as pessoas e todas as outras coisas, ninguém é obrigado a gostar da mesma coisa, ou da mesma pessoa da mesma forma. É isso que foi relatado nesse filme, cada um demonstrou ter sua própria visão, o seu jeito

próprio de amar e de fazer amigos, de criar seus relacionamentos com quem escolheram ter afetividade e os manter da maneira que mais lhe aprouve.

Por essas controvérsias e antagonismos, visivelmente perturbados, de fato, Sally e Herry resolvem esquecer aquela noite, deixando bem claro que tudo não passou de um engano. A amizade entre os dois também fica abalada, aparentemente sem nenhuma possibilidade de recuperação, após Harry revelar que só deixou acontecer por pena de Sally. Porém o desfecho final do filme é ainda mais surpreendente, nos revelando que todas as coisas realmente são possíveis, e que em matéria de amor e amizade, nunca saberemos de tudo, sempre estaremos aprendendo cada dia um pouco mais a respeito.

CONCLUSÕES

Mesmo que ainda haja uma possibilidade de haver um final feliz ou um “Happy End” nesse filme, como diria Morin, cada um fica convidado a tirar suas próprias conclusões a respeito dele, o que nos possibilita a ter ainda mais esperança não só sobre essa história, mas sobre as nossas próprias.

Mas há dúvidas que não se calam e ainda questionam: Você acredita que pode mesmo haver amizade entre um homem e uma mulher sem que haja interesse sexual? Ou acredita que o sexo vai sempre se impor, acabando com o relacionamento entre eles? Será que Bauman realmente está certo sobre os relacionamentos líquidos existentes nesta sociedade em que vivemos nos dias de hoje, devido à insegurança gerada pela desconfiança e do medo de se machucar afetivamente?

Por mais que ainda vivamos sob o jogo de interesses pretenciosos desses relacionamentos tão humanos, os sentimentos existem e podem ser sentidos de várias formas, mas sempre contar com o sentimento verdadeiro, o que nos faz agir assertivamente, não pela emoção ou só pela razão, mas sim com bom senso, mas para tanto, é preciso a priori, sermos verdadeiros a nós mesmos, deixando de lado as mentiras que nos contamos para tentar sobreviver a este mundo “cão”, abrindo bem os olhos para a realidade, mas deixando sentir e falar a voz do coração. Afinal, ninguém ama ou é amigo sozinho, ninguém consegue viver sem amigos, nem sem amor, ou totalmente pela razão. O medo da decepção existe, devendo ser encarado com a coragem de recomeçar se for preciso, por mais que possa doer, mas como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade: “A dor é inevitável, mas o sofrimento é opcional”. Então vivamos, sem pressa para a chegada do amanhã, afinal, o que queremos realmente é amar e sermos amados.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

MONTAIGNE, M. "Da Amizade" in *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HARRY E SALLY: FEITOS UM PARA O OUTRO. Dir. Rob Reiner. EUA. Com Billy Crystal, Meg Ryan, Carrie Fisher mais